

MIGRAÇÕES DA AULA PRESENCIAL PARA A VIDEOAULA: UMA ANÁLISE DA ALTERAÇÃO DE MÍDIUM¹

*Leonardo Drummond Vilaça Lima Camargo**

*Simone Garofalo***

*Jerônimo Coura-Sobrinho****

Recebido em: 15 out. 2011 Aprovado em: 16 nov. 2011

* Possui graduação em Jornalismo e especialização em Produção e Crítica Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente, é membro da equipe de TV e Vídeo da PUC Minas Virtual. Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: leonardodrummondvilaca@gmail.com

**Possui graduação em Letras - Licenciatura em Português e Bacharelado em Linguística - pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009/2011). Atua na comissão organizadora do evento Letras Debate da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil. Colaboradora nos projetos Taba Eletrônica, Texto Livre e SLEducacional. E-mail: sigarofalo@gmail.com

***Doutor em Estudos Linguísticos, docente do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.. E-mail: jeronimo@dppg.cefetmg.br

¹ Na tradução do Curso de Midiologia Geral (Vozes, 1993), obra de R. Debray citada por D. Maingueneau, fala-se de médium (pl. médiuns) para se fazer referência às mediações pelas quais uma idéia se torna força material.” Maingueneau (2002, p.71). Na tradução da obra de Maingueneau para português, Cecília Souza e Silva e Décio Rocha consideraram mais adequado utilizar mídiium por dois motivos: para fazer analogia a midiologia e para distinguir-se de um conceito diferente que já foi dicionarizado como médium.

Resumo: A partir do conceito de *mídiu*m exposto por Maingueneau, este trabalho analisa a mudança do discurso do professor, quando ele sai da sala de aula presencial e passa a gravar videoaulas, como parte do material didático de cursos na modalidade Educação a Distância (EaD). Para tanto, são apresentados e comparados os gêneros discursivos *aula presencial* e *videoaula*, tendo em vista características próprias em relação ao discurso, decorrentes da alteração do *mídiu*m. O uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) em práticas pedagógicas na EaD leva o professor a repensar e a replanejar o conteúdo de suas aulas, levando em consideração as mídias que servem de suporte para o processo de ensino-aprendizagem, o que provoca novos desafios na produção de seu material didático midiaticizado. Da mesma forma que o professor não fala para a câmera exatamente como fala para os alunos em sala de aula, o aluno não recebe o discurso do professor no vídeo da mesma maneira como recebe o discurso na sala de aula.

Palavras-chave: Aula presencial. Videoaula. Mídiu. Gêneros discursivos.

MIGRATING FROM THE FACE TO FACE CLASSES TO THE VIDEO CLASSES: AN ANALYSIS OF THE MEDIA CHANGE

Abstract: Based on the concept of medium presented by Maingueneau, this paper analyzes the changes in the speech of a teacher once he has left face-to-face classes and has started making video classes as part of the teaching materials for a distance education course. The discourse genres for face-to-face and video classes are therefore presented and compared, focusing on particular features of the speech changed due to the medium's shift. The use of New Information and Communication Technologies in pedagogical practices in distance learning leads the teachers to rethink and to redesign the content of their classes, regarding the medias used as support for the learning and educational framework, which brings new linguistic and speech challenges during the mediaticized didactic material's production. Just as the teacher does not talk to the camera as he talks to the students in face-to-face classes, the students do not receive the speech as they do in traditional classes.

Key words: Face-to-face classes. Video classes. Medium. Discourse genre.

INTRODUÇÃO

O uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) em práticas pedagógicas na modalidade Educação a Distância (EAD) leva o professor a repensar e a replanejar o conteúdo de suas aulas, considerando as mídias que servem de suporte para que suas mensagens cheguem aos alunos. A migração da sala de aula presencial para a videoaula constitui um desafio pedagógico e didático dos mais complexos, sobretudo com o crescimento da Educação a Distância:

A substituição – parcial ou total – das aulas tradicionais, em que professor e alunos dividem um mesmo espaço físico, pelas diversas estratégias da Educação à Distância, com destaque para a produção dos diversos materiais didáticos tanto transmitidos ao vivo quanto previamente gravados, tem provocado discussões em dois níveis: o pedagógico e o técnico. [...] Estas discussões são importantes, sem dúvida, mas, infelizmente, o mais importante de todos os debates às vezes é quase esquecido: o que se situa no campo lingüístico (GERBASE, 2006, p.1).

Atualmente, diversas ações cotidianas não são mais realizadas necessariamente em espaços físicos pré-estabelecidos. Atividades profissionais, relações pessoais e diversas interações, de todas as esferas da vida, são realizadas de forma não-presencial e assíncrona, mediadas por tecnologia. Percebe-se, também, que cresce cada vez mais a demanda por práticas educacionais promovidas dessa forma. A EaD é a modalidade de ensino que atende a essa demanda da sociedade, utilizando-se das NTICs na produção de materiais didáticos apresentados através de várias linguagens, como a audiovisual.

Ao produzir material didático midiaticizado, como, por exemplo, as videoaulas², o professor depara-se com novos desafios que modificam tanto a emissão como a recepção do seu discurso. Neste trabalho, tomamos como abordagem teórica, principalmente, a Análise do Discurso para verificar como a alteração da aula presencial para a videoaula deve ser compreendida no que diz respeito ao discurso utilizado. A intenção é mostrar as características discursivas, ora semelhantes ora diferentes, ao comparar a aula presencial e a videoaula, a partir do conceito de *mídiun* proposto por Maingueneau.

A VIDEOAULA COMO GÊNERO DISCURSIVO

Considerando que “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p. 59), avalia-se que, antes de discutir a utilização de videoaulas, é importante categorizar a videoaula como gênero discursivo. Segundo Bakhtin (1997, p. 279), gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. A palavra “relativamente” mostra que os gêneros se modificam para atender às necessidades da sociedade, cuja organização e formas de comunicação também sofrem constantes modificações.

Um exemplo dessas modificações do discurso seria a carta, que perdeu espaço para o e-mail devido à necessidade da sociedade de se comunicar com mais agilidade. A carta, no entanto, não deixou de existir.

² Para este artigo, consideramos como videoaula modelos assíncronos de aulas em vídeo, gravadas e posteriormente assistidas pelos alunos. Modelos síncronos, como videoconferências que permitem interação durante a emissão do discurso, não foram considerados nas comparações realizadas, pois consideramos que se tratam de gêneros distintos.

Esse raciocínio pode ser usado também para pensar no gênero videoaula. A aula presencial é um gênero que continua existindo, mas verifica-se também o surgimento de um novo gênero (videoaula), entre outros motivos, devido à necessidade de práticas sociais que não vinculem as pessoas a lugares físicos e momentos síncronos, inclusive instituições de ensino. Para Hack (2008, p. 01), a compreensão de cada indivíduo sobre o mundo “parece ser construída cada vez mais por conteúdos mediados que dilatam os horizontes espaciais, pois não é mais preciso estar presente fisicamente nos lugares onde os fenômenos observados ocorrem”.

Maingueneau (2002, p. 61) diferencia gêneros e tipos de discursos. O autor afirma que “gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividades sociais”. Os gêneros aula presencial e videoaula podem então ser compreendidos como gêneros pertencentes a tipos de discurso como o didático e o acadêmico.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 281), durante o processo de sua formação, os novos gêneros absorvem e transmutam os gêneros já existentes. Pode-se pensar na aula presencial como um gênero já existente que sofre transmutação no processo de geração de um novo gênero: a videoaula.

A videoaula é um gênero que claramente absorve características da aula presencial, como a existência de um enunciado expositivo, planejado e muitas vezes apresentado por um professor, com a intenção de levar conhecimento ao aluno em um processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, ele traz novas características, como a utilização da mídia audiovisual, a interação assíncrona ou ausência de interação com os alunos, a possível utilização simultânea de várias linguagens visuais que podem ser combinadas com o áudio, etc.

Maingueneau (2002, p. 65-68) afirma que os gêneros de discurso encontram-se submetidos a um conjunto de condições de êxitos, que envolvem elementos como:

- **Uma finalidade reconhecida:** o gênero visa a modificação da situação da qual participa e essa finalidade deve responder a pergunta: “estamos aqui para dizer ou fazer o quê?”. Tanto no caso da aula presencial quanto da videoaula, existe a finalidade de ensinar ou discutir um conteúdo que o professor julga ser desconhecido pelo aluno ou, ao menos, ser pouco conhecido para que a transmissão de conhecimento contribua para a aprendizagem.

- **O estatuto de parceiros legítimos:** trata-se dos papéis que enunciador e co-enunciador devem exercer, que não sofrem necessariamente modificações na alteração dos gêneros aula presencial e videoaula. Maingueneau (2002, p. 66) dá um exemplo que serve para as duas modalidades de aulas aqui abordadas: “Um curso universitário deve ser ministrado por um professor, que se supõe deter um saber e ser devidamente autorizado para exercer o ensino superior; deve ser dirigido a um público de estudantes que, supostamente, não detêm esse saber”.

- **Um lugar e um momento legítimos:** Apesar de “um certo lugar” e “um certo momento” serem constitutivos dos gêneros, há possibilidades de transgressão que possuem significados específicos. O lugar e o momento da aula, tradicionalmente, constituem o espaço físico da sala de aula e o momento (horário) marcado para que a aula aconteça. Verifica-se essa relação na aula presencial. A transgressão da relação com o lugar e o momento apresenta-se como característica que sofre modificação no processo de transmutação dos gêneros aula presencial/videoaula. Lugar e momento não podem mais ser definidos em um modelo no qual o aluno

assiste às aulas em vídeo onde bem entender e no momento que julgar mais conveniente, inclusive com a possibilidade de rever a videoaula quantas vezes quiser. A indefinição de lugar e a do momento passam a ser constitutivos do gênero videoaula, em grande parte dos modelos de EaD que se utilizam do vídeo.

- **Um suporte material:** trata-se das questões relacionadas ao suporte material do discurso, à dimensão midiológica. O discurso de uma aula apresentada ao vivo em sala de aula utiliza suportes diferentes do discurso apresentado em uma aula veiculada em mídia audiovisual, como CDS, DVDs e computador com internet (videoaulas transmitidas em sites). De acordo com Maingueneau (2002, p.68) “o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de suporte/transporte e de estocagem, logo, de memorização”.

A ALTERAÇÃO DO *MÍDIUM* E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A partir do exposto, questiona-se como é modificado o discurso do professor, quando ele sai da sala de aula presencial e passa a gravar videoaulas, como parte do material didático dos cursos na modalidade de Educação a Distância. De acordo com Gerbase (2006), os professores em EAD passam, com dificuldade, pela migração da conhecida linguagem da sala de aula presencial para a linguagem audiovisual, da qual, até então, eram apenas espectadores. Segundo o autor, “duas linguagens diferentes não podem ser tratadas como se fossem a mesma”. (p. 4)

Essa diferença de linguagem, de discurso, de meio, pode ser visualizada a partir da discussão de *mídiu*m proposta por Maingueneau (2002, p. 71-72):

[...] é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador, etc. Essa dimensão da comunicação verbal foi durante muito tempo relegada a segundo plano [...]. Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o *mídiu*m não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O *mídiu*m não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *mídiu*m modifica o conjunto de um gênero de discurso.

Mesmo que o conteúdo didático da aula seja praticamente o mesmo, o professor não fala para a câmera exatamente como fala para os alunos em sala de aula. Da mesma forma, os alunos não recebem o discurso do professor no vídeo tal qual o recebem na sala de aula. Os diversos elementos do roteiro de uma produção audiovisual, como locução, dramatizações, recursos gráficos e orais, determinam o discurso que chegará ao aluno.

Há especificidades na linguagem audiovisual, tanto em sua produção quanto na recepção, que devem ser consideradas para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de maneira eficaz.

Assim, “o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p. 72). Essa alteração do *mídiu*m, da aula presencial para a videoaula, portanto, acarretará mudanças significativas no discurso desses gêneros, provocando efeitos ora semelhantes ora diversos.

Na videoaula, o discurso não se apresenta direcionado a um coletivo de alunos, como na sala de aula presencial. Como o aluno, provavelmente,

assistirá à aula sozinho, o professor pode referir-se a ele no singular. Além disso, a presença física do público-alvo na aula presencial pode interferir na fala do professor, no momento da enunciação, o que não acontece na videoaula, uma vez que esse público-alvo é, fisicamente, ausente. Assim, enquanto o professor da aula presencial pode observar as reações à sua fala (gestos, feições, barulhos, conversas, etc.), na videoaula o professor não saberá como está sendo recebido seu material, quais as reações do(s) aluno(s) que assiste(m). Ainda em relação à presença ou ausência do público-alvo, na aula presencial há uma tentativa, por parte do professor, de reunir o público em torno de seu discurso, enquanto na videoaula essa tentativa reside na antecipação das expectativas que seu público pode vir a ter no momento da exibição do vídeo.

Na aula presencial o professor pode identificar quem é o seu público (os alunos regulares ou visitantes, ou os professores visitantes, etc.) e, assim, modalizar seu discurso em relação àquele público presente. Já na videoaula, o professor não tem esse controle. Seu vídeo pode ser assistido pelos alunos da sua disciplina, por outros professores, ou até mesmo passar de computador a computador, sendo divulgado para outro tipo de público. Não há controle sobre quem irá assistir a sua videoaula. Ou seja, a criação da videoaula é realizada para um público idealizado, mas o público real não pode ser controlado. Ainda que a videoaula circule no ambiente virtual de aprendizagem, o aluno poderá realizar o *download* do vídeo e acabar por compartilhá-lo. Essa ideia é bem explorada por Maingueneau (2002, p. 82) quando afirma que “o caráter *estático ou não* dos interlocutores depende também do *mídiu*m”.

Em relação ao enunciado, podemos perceber mudanças devido à alteração do *mídiu*m. Ambos os gêneros necessitam de um planejamento pra

ser seguido durante a aula. No entanto, o professor em uma sala de aula cria seu texto baseado em todas as características do momento da enunciação. Há um público-alvo presente e possível de ser caracterizado. Os alunos podem intervir na fala do professor, ao terem dúvidas. O professor pode verificar as reações dos alunos através de seus gestos, falas e olhares. Há, portanto, uma reação síncrona ao enunciado. Dessa forma, o professor pode recorrer a recursos próprios da sala de aula para explicar algo que não está claro, **alterando o seu próprio discurso em curso**. Já o professor em uma videoaula cria seu projeto de fala baseado em previsões sobre seu público, sobre as expectativas e dúvidas que ele (o público) pode vir a ter. O professor precisa antecipar as dúvidas que seu discurso pode gerar e pensar recursos para facilitar o entendimento da sua mensagem. Há um público ausente e, nem sempre, caracterizado (dependendo das exibições). O professor, por isso, deve levar em conta que há uma interação assíncrona ou nenhuma interação e o seu discurso é fixo, ou seja, o professor **não pode alterar seu discurso**.

Portanto, na aula presencial, o enunciado é um objeto alterável, que pode ser construído ao longo da enunciação. Ao passo que, na videoaula, o enunciado é um objeto inalterável, que deve conter tudo aquilo que é necessário para ser decifrado. Essas características estão ligadas à noção de enunciados dependentes e enunciados independentes do ambiente não verbal. Conforme Maingueneau, “no primeiro caso os enunciados são dirigidos a um co-enunciador presente no mesmo ambiente físico do enunciador; no segundo, os enunciados são diferidos, ou seja, concebidos em função de um destinatário que se encontra em um outro ambiente”.

Maingueneau (2002, p. 74), também, faz uma distinção entre enunciados estáveis e instáveis. Para o autor, “associamos tradicionalmente

oralidade e instabilidade, escritura e estabilidade: as palavras voam, os escritos permanecem”. No entanto, ele afirma que “nem todo enunciado oral é necessariamente instável. O importante não é tanto o caráter oral ou gráfico dos enunciados, mas sua inscrição em formas que assegurem sua preservação”. Assim, a videoaula – em decorrência, sobretudo, do seu tipo de *mídium* – é um exemplo de um enunciado estável, valendo-se de uma linguagem oral e gráfica, que pode ser gravado. Conforme o autor: “o mundo contemporâneo tornou o oral tão estável quanto o escrito”. Se antes assistíamos à aula presencial e tínhamos que fazer anotações para registrar o enunciado, hoje podemos filmar ou gravar a voz do professor. Portanto, a aula presencial, antes considerada um enunciado instável é, hoje, com as possibilidades tecnológicas modernas, relativamente instável. Estes aspectos permitem arriscarmos mais uma distinção entre os dois gêneros, em decorrência do *mídium*: a reprodução da enunciação. Na aula presencial há a impossibilidade de reprodução (a não ser quando se decide gravá-la). Já a videoaula, tem na sua essência a proposta de aprisionar a enunciação, que poderá ser reproduzida inúmeras vezes.

Considerando a linguagem utilizada, percebemos que na aula presencial o professor poderá moldar seu texto em relação ao ambiente e ao público presente, conforme já foi exposto. O professor, nesse caso, não pode apagar o que diz e é levado pela dinâmica da sua própria fala, utilizando recursos da linguagem como modalizações, fórmulas fáticas e da linguagem própria do ambiente (no caso de a sala possuir ou não lousa, projetor de slides, etc.). Geralmente, ele não faz uso de elaborações sintáticas complexas e desloca os elementos sintagmáticos na frase, característica própria de uma linguagem oral em curso. Um professor mais despojado pode, ainda, ter menos atenção à variação padrão da língua portuguesa, o passo que, para

gravar uma videoaula, essa percepção está dentro do planejado. Na videoaula a linguagem é mais objetiva, sem muitas reformulações, mesmo porque ela pode ser gravada a partir de um roteiro. Além disso, durante a gravação, se o professor erra algo em sua fala, a edição do vídeo pode excluir esse erro. A linguagem se apóia em um sistema de referência intradiscursivo, sendo autosuficiente, uma vez que o ambiente não é partilhado e o discurso será “preso” dentro da gravação. A videoaula também faz usos de outros recursos possíveis, assim como na aula presencial, mas que são próprios do seu tipo de *mídium*.

CONCLUSÃO

As novidades que as NTICs representam para o campo da educação geram novos gêneros discursivos, como as videoaulas, que aos poucos vão sendo reconhecidos e assimilados por docentes e estudantes. Quando o suporte material do discurso sofre alteração, o próprio discurso também é modificado.

Há diversas formas de se trabalhar videoaulas: reportagens, aulas expositivas, animações, dramatizações, etc. Elas podem ser usadas separadamente ou combinadas para atingir os objetivos pedagógicos. Com tantas opções, o professor agora precisa, com apoio de profissionais capacitados, aprender a identificar as melhores alternativas de acordo com os objetivos pedagógicos e aprender a trabalhar e refletir sobre a contribuição de cada recurso da linguagem audiovisual para as estratégias de ensino-aprendizagem, com consciência das modificações que seu discurso sofrerá ao adaptar-se a este novo *mídium*.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERBASE, Carlos. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação à distância (EAD). **Logos: cinema, imagens e imaginário**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, 2006.

HACK, Josias Ricardo. Audiovisual e educação a distância: reflexões sobre a comunicação educativa sem fronteiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal: INTERCOM, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.